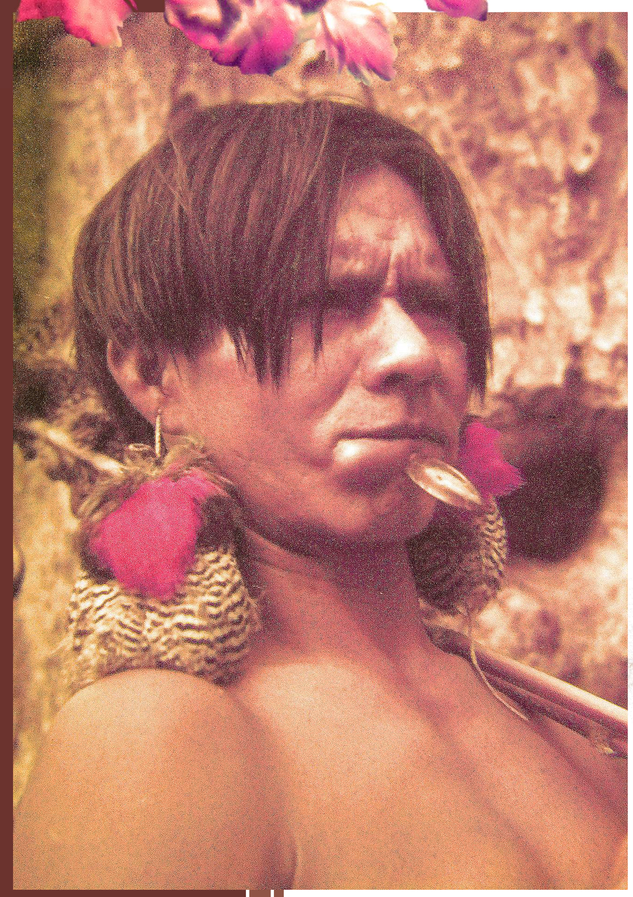
POVO XETÁ:
memórias e alertas do extermínio iminente



Imagens: Vladimir Kozák

Os indígenas Xetá, com língua da família Tupi-Guarani, foram descritos desde o século XVII em áreas próximas aos rios Paraná e Ivaí. Na década de 1950, esses grupos fugiam assustados de funcionários de empresas de colonização, que demarcavam novas fazendas e derrubavam a mata para o cultivo agrícola. Ocorreram muitas mortes de índios, principalmente por armas de fogo e pela pouca resistência a doenças, além da captura das crianças e a dispersão em cidades no entorno dessa região.

José Loureiro Fernandes, pesquisador e político influente, foi informado dos fatos pelo Serviço de Proteção aos Índios, atual Fundação Nacional do Índio (FUNAI), e em 1955 iniciou uma série de pesquisas, convidando cientistas e jornalistas para documentar e divulgar os Xetá identificados na Serra dos Dourados, no baixo vale do rio Ivaí.

Foram várias viagens a campo, entre 1955 e 1961, coordenadas por Loureiro Fernandes, nas quais na maioria esteve presente Vladimir Kozák, principal responsável pelo registro fotográfico, cinematográfico e sonoro do povo Xetá. Kozák também documentou o cotidiano, os mitos e os rituais através de desenhos, aquarelas, pinturas a óleo, esculturas e farta narrativa escrita; a maioria sob guarda do Museu Paranaense.

A chegada de uma nova criança para os Xetá era marcada por um ritual que ocorria pouco tempo depois do nascimento: as meninas, Tiguá, tinham as orelhas furadas com lascas de jerivá, onde se inseriam pequenos brincos com penas e recebiam de um parente um colar de sementes pretas com várias voltas. Os meninos, Tikuen, além dos brincos e do colar, tinham um cordão amarrado na cintura.

No ritual de iniciação masculina, da passagem dos meninos para a fase adulta, que ocorria próximo aos 10 anos de idade, acontecia a cerimônia onde um adorno, Tembetá, era inserido abaixo dos lábios. O ritual era antecedido pelo preparo de alimentos e bebidas com frutos silvestres, como a jabuticaba e a guabiroba.

Nesses dias, na aldeia bebia-se o líquido e entoavam-se cânticos homenageando espíritos representados em pássaros: ao amanhecer o do surucuá, de dia o do urubu e, ao anoitecer o da jacutinga.

O menino tinha a face pintada com pigmento extraído do jatobá, e era isolado por vários dias em um jirau alto da casa cerimonial. Depois disso, o menino era lavado com água misturada a seivas de aspargo verde, e recebia um novo nome e um colar de vareta de madeira cravado de pequenos dentes: estava se tornando um homem para a aldeia, e agora poderia acompanhar as caçadas, aprender e praticar o arco e flecha, tecer e participar de rituais com os outros adultos.

O ritual de iniciação feminina acontecia junto com a primeira menstruação, sendo que no anoitecer do primeiro dia as mulheres da aldeia se reuniam e choravam. Na manhã seguinte a menina tinha a barriga pintada de vermelho, e um parente fazia três incisões superficiais paralelas no local, que simbolizavam a nova condição de mulher. Ela era isolada do grupo, da mesma forma que o menino, em um jirau alto no interior da casa cerimonial. Passados alguns dias era retirada do isolamento, e sua cabeça lavada com um suco de ervas, recebendo um novo nome e um colar de madeira reta cravado de dentes de animais. Tornara-se agora uma mulher para a aldeia: aprenderia as tarefas de preparar alimentos, trançar cestos, tecer e, com o tempo, casar e ter filhos.

Eram os ciclos da vida marcados por períodos de celebração e isolamento, que refletiam a passagem do indivíduo para uma nova condição social dentro da aldeia: memórias de um passado ainda presente nas histórias dos descendentes Xetá.

Texto: Claudia Inês Parellada, Maria Fernanda Maranhão, José Luiz de Carvalho